

Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa*

Teresa Sales**

Um dos motivos por trás da característica de clandestinidade das recentes migrações internacionais está no fato de que o que era visto como carência temporária de mão-de-obra de imigrantes nos anos 50 tem-se transformado em traço permanente nos países de destino, hoje dependentes da presença do trabalho estrangeiro.

Este texto foi elaborado, originalmente, para ser apresentado na mesa *O Brasil no Contexto das Migrações Internacionais*, no VIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ao revisá-lo, para sua publicação na forma de artigo acrescentei um capítulo conclusivo, em que faço algumas observações de caráter informal acerca de minhas preocupações atuais sobre o recente processo de emigração de brasileiros para fora do país. Os imigrantes brasileiros aparecem apenas nesse item final do artigo, em anotações que refletem, sobretudo, minha vivência por um ano acadêmico no Campus do M.I.T. - Massachusetts Institute of Technology, em Boston. Naquele período (1990-1991), dediquei-me por um curto espaço de tempo à temática das

migrações internacionais, chegando a fazer algumas entrevistas preliminares com imigrantes brasileiros e realizando as primeiras consultas bibliográficas sobre o assunto.

Os três itens iniciais do artigo expressam um tipo de abordagem sobre a questão das migrações internacionais, exploradas nas primeiras consultas bibliográficas, iniciadas também naquele período de pós-doutorado nos Estados Unidos e complementadas por ocasião da preparação do texto para o VIII Encontro da ABEP. Trata-se de uma análise voltada, principalmente, para o processo de integração do imigrante em um mercado de trabalho que tem especificidades frente à própria presença desse imigrante. No primeiro item analiso o novo caráter das

* Trabalho apresentado no VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, promovido pela ABEP, out. 92.

** Unicamp - Departamento de Sociologia do IFCH.

migrações internacionais, que tem a ver com a demanda de trabalhadores temporários por parte de alguns países da Europa Ocidental e Estados Unidos, e que resultaram nas migrações clandestinas e nos conflitos sociais delas decorrentes. O segundo item refere-se à inserção do imigrante no mercado de trabalho, procurando situar, na bibliografia, a discussão acerca das características desse mercado, em que se ressalta a sua dualidade de emprego nos setores primário e secundário. No terceiro item, analiso alguns aspectos da questão migratória hoje nos Estados Unidos, tendo presente que é nesse contexto que pretendo realizar futuras entrevistas para dar continuidade a essa pesquisa.

Finalmente, no último item, aponto algumas dificuldades com que têm se deparado o migrante brasileiro fora do país, frente à ausência de uma política explícita para ele dirigida. Além disso, anoto um enfoque pelo qual pretendo abordar o estudo dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, que não se contrapõe àquele explorado no restante do artigo – da integração do imigrante no mercado de trabalho do país de destino –, mas complementa-o de uma outra perspectiva, ou seja, a da reconstrução da identidade brasileira enquanto nação. Se o estudo da integração do imigrante no mercado de trabalho do país de destino permite entender algumas características daquele país, o estudo de traços de nossa nacionalidade através da sociabilidade reconstruída pelo imigrante alhures permite, por sua vez, entender melhor o nosso próprio país, em uma época em que de novo nos perguntamos, como no período do ensaísmo brasileiro dos anos 20, mas afinal, que país é esse?

As migrações internacionais recentes

As migrações internacionais assumiram um novo caráter em períodos

recentes, que tem a ver com a internacionalização da economia observada no período pós-Segunda Guerra Mundial, bem como com a divisão mais marcada do mundo entre países ricos e pobres. Evidentemente nenhum desses fenômenos é recente. Muito pelo contrário, são decorrências do próprio desenvolvimento do capitalismo no âmbito mundial, fato muito anterior a esse referido na bibliografia que trata desse novo caráter das migrações internacionais. Contudo, a transformação das antigas colônias em países independentes, a criação de órgãos de fórum internacional, tal como a ONU, a preocupação explícita de alguns organismos financiadores com o desenvolvimento dos países pobres (vide, por exemplo, Banco Mundial) e, sobretudo, o desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação tornando o mundo uma aldeia global foram fatores que contribuíram para dar um caráter distinto àquelas marcas históricas do desenvolvimento capitalista mundial.

As migrações internacionais, de certo modo, refletem esse novo quadro de relações entre os países, uma vez que o período pós-Segunda Guerra Mundial inaugura um novo tipo de migrações internacionais, provocadas pela necessidade de mão-de-obra dos países de destino dos fluxos migratórios. São os *Guest Work Programs* implementados na Alemanha, Suíça e França, ou o *Bracero Program* nos Estados Unidos, ou até as migrações espontâneas de trabalhadores do Cone Sul da América Latina em direção à Argentina, cuja economia estava em pleno crescimento naquela ocasião. Nesse mesmo apogeu do pós-guerra, o Brasil esteve ausente dessa dinâmica migratória internacional, sustentando a expansão industrial do Centro-Sul do país com o afluxo de mão-de-obra migrante da região Nordeste. A realidade das migrações internacionais desse período do pós-guerra nos atingiu, portanto, apenas muito recentemente,

quando passamos a exportar trabalhadores para outros países, ao impacto de uma brutal recessão econômica que marcou toda a década passada.

Na Europa, as décadas de 50 e 60 tiveram um crescente afluxo de trabalhadores estrangeiros dentro dos referidos programas especialmente elaborados para atraí-los como força de trabalho a ser alocada na expansão industrial aí observada, em face do rápido crescimento econômico quase ininterrupto desde os anos 50. Ao início da década dos 70 (Mayer, 1975), estimava-se em aproximadamente 8 milhões o número de trabalhadores estrangeiros empregados na Europa Ocidental, acompanhados de 4 a 5 milhões de dependentes. "Mais de 4/5 desses 12 milhões de imigrantes eram então absorvidos por quatro países: Alemanha Ocidental, França, Reino Unido e Suíça. O resto havia migrado para os países do Benelux, Suécia e Áustria. Ao mesmo tempo, seis países do Sul da Europa – Grécia, Itália, Portugal, Espanha, Turquia e Iugoslávia, e dois do Norte, Finlândia e Irlanda – experimentavam sérios problemas de desemprego e subemprego. Esses oito países, então, tomaram-se os maiores exportadores de mão-de-obra. Deles saíram cerca de 3/4 da força de trabalho empregada na Europa Ocidental, sendo o restante proveniente de além-mar. Ambos, Inglaterra e França, trouxeram mais de um milhão de migrantes, cada uma, de seus antigos territórios na África, Ásia e Caribe" (Mayer, 1975:442).

Esses trabalhadores estrangeiros constituíam, em 1975, 10% da força de trabalho na Europa Ocidental como um todo, sendo que representavam 11% na França e 9% na Alemanha Ocidental. Em alguns países, essa proporção ultrapassava 25%, como era o caso da Suíça (Piore, 1979:1). O fato importante desses fluxos de migrações internacionais do pós-guerra é que eles foram, cada vez mais, se transformando em um fluxo

de migrações clandestinas. Segundo North (1976:27), por esse motivo é que a sua dimensão é desconhecida, com estimativas que vão de 2 a 20 milhões de imigrantes ilegais na Europa Ocidental naquele período de meados da década dos 70.

Um dos motivos que está por trás dessa característica de clandestinidade das recentes migrações internacionais reside no fato de os países da Europa Ocidental não se perceberem como regiões de imigração no sentido tradicional do termo, mas sim como importadores de mão-de-obra temporária, pois a carência de mão-de-obra era vista como um fenômeno temporário. Tanto nos países de destino como nos de origem, os migrantes eram considerados temporários, e como tal a migração era encarada como um fator que beneficiaria a ambos os países: aos de origem, porque a migração aliviaria a pressão populacional e o desemprego rural, gerando um fluxo de trocas com o estrangeiro, que habilitaria a força de trabalho, em seus próprios países, para as atividades na indústria; e, aos de destino, porque os imigrantes eram vistos como um complemento necessário ao trabalho nativo, assumindo funções no mercado de trabalho recusadas pelos trabalhadores nativos e, assim, suprimindo a carência de trabalho que se apresentava como empecilho para o pujante desenvolvimento industrial daquele período.

Porém, "o que era visto como uma carência temporária de trabalho nos anos 50, tem, desde então, se transformado em um traço permanente nos países de destino. A Europa Ocidental tornou-se dependente da presença do trabalho estrangeiro para o funcionamento de setores cruciais de sua economia e para a manutenção de altos padrões de vida" (Mayer, 1975:443). Um dos resultados tem sido o aprofundamento dos conflitos internos entre a existência de uma população imigrante, que hoje é parte constitutiva das socie-

dades da Europa Ocidental como também dos Estados Unidos, e a sociedade nativa, que reluta em reconhecer a presença e, sobretudo, a assimilação desses imigrantes. "O processo migratório tem sido a fonte de um número crescente de problemas centralizados nos conflitos entre a população nativa e a população estrangeira. Os países de destino lamentam terem permitido que trabalhadores, inicialmente admitidos apenas como temporários, trouxessem suas famílias, e questionam como, quando e se eles têm condições de fornecer habitação, educação, saúde e bem-estar geral a essas famílias imigrantes. Os próprios imigrantes, que inicialmente aceitaram salários e condições de trabalho que os nativos recusavam, começaram a resistir a esses empregos, a se organizar em seus lugares de trabalho para melhorar suas condições de trabalho e a pressionar por empregos até então ocupados pelos nativos. Tais pressões por melhor habitação, emprego e serviços sociais têm ocasionado conflitos entre estrangeiros e nativos, agravados por preconceitos raciais e nacionais" (Piore, 1979:2).

Esse talvez seja um dos principais nós górdios da questão das migrações internacionais contemporâneas: ele provoca um conflito interno muito grande nos países de destino, entre as necessidades de mão-de-obra de um mercado já constituído com base no trabalho do imigrante e a auto-imagem de uma sociedade que não se vê nesse *melting pot* de culturas e de raças. As implicações no nível governamental e no das políticas públicas constituem outra das questões colocadas por essas recentes correntes migratórias. Nesse sentido, Mayer (1975) coloca que, ao início das discussões dessa problemática nos anos 70, ela girava sempre sobre trabalhadores temporários (*guest workers*) e nunca sobre imigrantes, pois então amplos setores públicos da Europa Ocidental recusavam a aceitar a idéia de que os

estrangeiros em seus países pudessem vir a ser residentes permanentes.

Aqueles programas referidos anteriormente, criados para incentivar a migração temporária de trabalhadores estrangeiros para certos países da Europa e para os Estados Unidos, são considerados, por alguns autores, como os principais fatores que causaram os fluxos de migrações clandestinas que lhes sucederam. E isso porque, quando os governos dos países de destino tentaram colocar um freio às migrações, que eram desejadas apenas como o afluxo temporário de trabalhadores, já não era mais possível. Em resposta a esses esforços governamentais, de parar o fluxo de migrações estrangeiras, frente às condições do mercado de trabalho já dependente desse trabalhador estrangeiro, esse tipo de migração tornou-se clandestina.

Esse fenômeno tem constituído motivo de preocupação de governos e estudiosos sobre o assunto, manifesto tanto no âmbito dos países de destino como no de organismos internacionais. Um levantamento que está por ser feito é sobre as várias conferências internacionais realizadas sob o patrocínio da ONU ou outras entidades de fórum internacional ou europeu sobre a questão das migrações internacionais desse amplo período pós-guerra. Essas conferências, de certo modo, refletem quais as questões que estão em jogo e como estas têm evoluído. Neste artigo, considerarei apenas duas dessas conferências, uma realizada em meados de 1986 e a outra, no início da presente década.

Se a primeira delas tinha como preocupação central o futuro das migrações, a segunda era dedicada aos direitos dos trabalhadores migrantes. Isto dá uma dimensão de que a década dos 90 assume, de uma vez, o fato consumado da existência de uma população imigrante como uma realidade constitutiva de certos países da Europa e também do continente americano (Estados Unidos e

Canadá), e passa a pensar numa política mais explícita de proteção dos direitos desses trabalhadores. Foi nesse sentido que se realizou a *Convenção Internacional das Nações Unidas sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de suas Famílias*, como resultado da 45ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas realizada em dezembro de 1990. Uma das importantes recomendações dessa Convenção era a de que "todos os estudantes da migração internacional deveriam tomar nota dessa nova convenção que atesta a crescente importância das migrações internacionais no mundo e sua enorme complexidade legal, étnica e administrativa. O desafio posto pela regulamentação da migração internacional, de tal forma que ela seja consistente com os direitos humanos e princípios democráticos, aparece como uma das primeiras preocupações para as próximas décadas" (Tomasi et al, 1991:685).

Já na Introdução à *Conferência da Organization for Economic Co-operation and Development*, realizada em 1986, e que abordou a temática do futuro da migração, Jean-Claude Paye, secretário geral daquela Organização, retoma a analogia com a física, tão ao gosto dos pais da Sociologia, para caracterizar as migrações internacionais do período pós-guerra. Refere-se ele, no caso, à lição elementar da física de que a corrente elétrica corre mais livremente entre dois pólos quanto maior a potencial diferença e quanto mais baixa a resistência do circuito. As diferenças apontadas por ele como atuais causadoras das migrações internacionais seriam aquelas em potencial demográfico, econômico e político-cultural, enquanto a mais baixa resistência deve-se à atual maior conveniência, rapidez e barateamento dos transportes e comunicações (OECD, 1987:9). Um outro autor preocupado com a especificidade desses novos fluxos migratórios do pós-Segunda Guerra, Beijer (1969), acrescenta que nesse

período, sobretudo a partir de meados dos anos 50, passa a não existir mais nem a emigração permanente em larga escala, nem o movimento em massa de trabalhadores para o estrangeiro. Em lugar do fluxo em massa para fora da Europa, tal como no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, observa-se agora novos fluxos em massa de um país da Europa para outro.

A bibliografia hoje existente sobre essa recente migração internacional, em países da Europa e nos Estados Unidos, é enorme e aborda desde os aspectos econômicos e sociais decorrentes desses fluxos temporários de trabalhadores (Freeman, 1979; Castles & Kosack, 1973) e aqueles específicos, relativos à inserção do migrante no mercado de trabalho (Maillat, 1987; Portes, 1981), até a questão dos direitos políticos ou dos direitos humanos versus os do cidadão (Tomasi, 1981; Weiner, 1985). Esta última parece ser a tendência mais recente, conforme se pode depreender do conteúdo da *Convenção Internacional das Nações Unidas sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de suas Famílias*.

Pode-se afirmar, contudo, pelo conjunto da bibliografia utilizada até aqui, que o movimento principal é o de afluxo de imigrantes aos países de destino provocado, inicialmente, pelas injunções de um mercado de trabalho em expansão nesses países, e, posteriormente pela própria dinâmica do fluxo migratório estabelecido. O movimento de retorno se faz sobretudo na forma das remessas de dinheiro, ou na tentativa, por parte dos países de destino, de impedir o fluxo, tornando-o, nessa medida, clandestino. Sobre as remessas muito já se escreveu, ressaltando inclusive seu peso no produto interno bruto dos países de origem dos imigrantes (Piore, 1979; Mayer, 1975).

O fato novo que, sem dúvida, tem importância decisiva no volume e composição desses fluxos de migrações

internacionais recentes é a constituição dos mercados integrados, tal como o Europeu, e mais recentemente o Nafta e o Mercosul. Essa integração não muda, contudo, a questão básica colocada por estas recentes migrações internacionais que, a meu juízo, diz respeito à própria inter-relação entre os países, mostrando o acirramento da relação entre países ricos e pobres. É aí sobretudo que reside o novo caráter das migrações internacionais, quando se observa uma quase invasão do espaço dos países ricos pelos deserdados do capitalismo. A derrocada dos países do Leste Europeu, a partir da simbólica queda do muro de Berlim, só veio a acrescentar mais um importante elemento de mobilidade espacial às populações do globo. Nenhuma palavra escrita substituiria a força e o impacto da imagem retratada nas páginas da imprensa, há cerca de um ano, pela fotografia do navio de albaneses aportando na Itália (esta fotografia ilustrou tanto matéria da *Folha de S. Paulo* como da revista *Time*, August 26, 1991).

A integração do imigrante no mercado de trabalho

A integração do imigrante no mercado de trabalho dos países de destino é um dos aspectos mais enfatizados nos estudos e pesquisas sobre as recentes migrações internacionais. Uma das conclusões que emerge desses estudos é que, tanto no contexto dos Estados Unidos como no da Europa Ocidental, o papel das migrações estrangeiras é menos o de aumentar o suprimento de trabalho, do que o de aumentar o suprimento de trabalho de baixo salário. "Este trabalho é usado para preencher a base da estrutura ocupacional e, simultaneamente, para combater os esforços organizativos da classe trabalhadora doméstica" (Portes, 1981:281). Há mesmo, segundo um outro autor que aborda o

mesmo tema, um caráter não intercambiável dessas duas categorias de empregos, sendo que a porcentagem de estrangeiros entre os desempregados é, proporcionalmente, mais elevada, se comparada com a taxa de desemprego da população como um todo (Maillat, 1987:51).

Além da porcentagem mais elevada de desempregados entre os estrangeiros, observa-se também entre eles uma elevada concentração em trabalhos manuais: 70% dos trabalhadores estrangeiros na França estão nessa categoria, 88% na Alemanha, e 90% nos Estados Unidos. Estes trabalhadores tendem, por sua vez, a se concentrar em certas indústrias (construção e manufatura) e a ser excluídos de outras (comércio, transportes, comunicações e governo) (Piore, 1979:18).

Portes utiliza as teorias que se referem à economia dual nos Estados Unidos, no que elas tratam da progressiva bifurcação de empresas sob o capitalismo avançado, para analisar os mercados de trabalho primário e secundário da imigração. O primeiro corresponde, de forma geral, aos empregos na área governamental e no setor oligopolístico da economia. O trabalho imigrante, neste mercado, tem as seguintes características: tende a ocorrer através de canais legais; os trabalhadores são contratados de acordo com sua habilidade e não por sua característica étnica; os imigrantes tendem a ter chances de mobilidade comparáveis às dos trabalhadores nativos; e a função desse setor primário da Imigração é mais no sentido de suplementar a força de trabalho doméstica do que de discipliná-la. É o típico processo migratório que tem sido caracterizado como fuga de cérebros.

Já o mercado de trabalho secundário seria definido, de uma maneira geral, como aquele que comporta os empregos que requerem pequeno ou nenhum treino, estão na mais baixa escala de salários, oferecem pouca ou

quase nenhuma oportunidade de mobilidade e são caracterizados pelo rápido *turnover*. Este mercado de trabalho é, geralmente, associado ao setor periférico da economia. As características do trabalho imigrante, neste caso, seriam então opostas àquelas do mercado de trabalho primário, ou seja: são trabalhadores ilegais ou temporários; são contratados primariamente de acordo não com suas habilidades, mas sim com suas características étnicas; são contratados para empregos transitórios, com severas restrições à mobilidade; e sua função é menos de suplementar o mercado de trabalho do que de discipliná-lo, pois os trabalhadores imigrantes são contratados mesmo quando existe suficiente oferta de trabalho doméstico, contribuindo para baixar o nível médio de salários nesse mercado. Por outro lado, neste mercado de trabalho secundário, a característica mais conveniente para os trabalhadores não é a qualificação formal, mas sim o baixo preço que decorre de sua vulnerabilidade legal, não havendo uma relação direta entre o nível de escolaridade e até mesmo o conhecimento de inglês desse tipo de imigrante e seu nível de salário.

Ao refletir sobre a constituição desse mercado de trabalho dual, em que se insere o trabalhador estrangeiro, Piore (1979) tenta mostrar como a variável convencionalmente utilizada para estudar o fenômeno das migrações, baseada nos diferenciais de renda, não é o bastante para explicar a inserção do imigrante nesse tipo de mercado de trabalho. Isso porque não é o diferencial de renda entre os países de origem e o de destino que explica o emprego do trabalhador imigrante, mas sim aspectos do comportamento sócio-econômico que são explicitamente negligenciados pela teoria econômica ortodoxa. A teoria econômica convencional trata o mercado da força-de-trabalho da mesma forma que aquele para as mercadorias em geral, que são compradas e vendidas regular-

mente. Segundo os argumentos daquele autor, para entender as migrações internacionais da atualidade pode-se até ignorar os diferenciais de renda, porém nunca o fato de que as pessoas estão enraizadas em um contexto sócio-econômico de forma distinta das outras mercadorias.

A explicação das migrações baseada nos diferenciais de renda tem a ver, na verdade, com a teoria ortodoxa fundamentada nos fatores de atração e expulsão, e que enfatiza os diferenciais de renda e oportunidades de emprego entre diferentes países e regiões como fatores explicativos centrais para os processos migratórios. Já a perspectiva estrutural é centrada na relação hierárquica entre centro e periferia. Enquanto a teoria da atração-repulsão vê o migrante como um indivíduo economicamente racional, que procura melhores oportunidades de vida, a perspectiva estrutural enfatiza a exploração do imigrante em benefício da economia central (Portes & Bach, 1978).

Desse enfoque decorre, de imediato, uma consequência prática: pouco adianta tentar melhorar a correlação entre o nível de renda dos países doadores de força de trabalho e o dos países de destino das migrações. A questão é, antes, saber por que a economia necessita desse tipo de trabalho rejeitado pelos trabalhadores nativos, e por que estes o rejeitam.

Uma constatação importante a respeito da inserção do imigrante no mercado de trabalho é que esse tipo de trabalhador não se distribui aleatoriamente no mercado de trabalho, mas tende a se concentrar em certas indústrias e ocupações, que, geralmente, são diferentes daquelas em que se alocam os trabalhadores nativos. Seus empregos tendem a ser não-qualificados, geralmente mal pagos e inferiores em status. Por outro lado, são empregos que, freqüentemente, envolvem um tipo de trabalho duro ou desagradável e sem

condições de segurança, em situação de informalidade, e mantendo relações personalísticas entre o supervisor e o subordinado (Bohning, 1975).

A especificidade do mercado de trabalho do imigrante em contraposição ao do nativo, é bem expressa pelos dados de uma pesquisa de campo realizada na cidade de Nova York, em que se constata que "existem dezenas de milhares de empregos na cidade de Nova York para os quais os trabalhadores nativos não são candidatos". As razões apontadas para isso é que "existe hoje uma verdadeira cadeia étnica onde proliferam os proprietários imigrantes de pequenos negócios, que, por sua vez, têm impedido a tradicional competição aberta por empregos" (Bogen, 1987:91, citado por Briggs, 1990).

Todas essas características, tais como aquelas descritas em relação às atividades no mercado de trabalho secundário, são traços apenas descritivos de uma dada situação e que pouco contribuem enquanto fatores explicativos para a situação de inserção do imigrante no mercado de trabalho dos países de destino. É nessa direção que os trabalhos tanto de Piore (1979) quanto de Berger e Piore (1980) tentam avançar com um enfoque teórico que releve a existência de fatores explicativos para essa segmentação do mercado de trabalho em face da presença do trabalhador imigrante, sobretudo daquele clandestino.

Um enfoque teórico utilizado para tal explicação da segmentação do mercado de trabalho baseia-se na flutuação e na incerteza que é inerente a toda atividade econômica e que, por sua vez, repercute nos níveis de emprego. Além da distinção própria às economias capitalistas entre capital e trabalho, esta dualidade inevitavelmente criaria certas distinções entre os trabalhadores. Nas modernas economias capitalistas, contudo, tem-se observado que a significação prática dessa dualidade do mercado de

trabalho tem sido contornada pela organização da classe trabalhadora na defesa de seus direitos trabalhistas. Segundo o argumento sustentado por Piore, "a dificuldade com esses esforços de organização dos trabalhadores para lidar com o desemprego, através do seguro desemprego, no nível das empresas é que isso vem atacar o sintoma do problema e não o problema em si. O problema reside na própria flutuação e incerteza que é inerente à atividade econômica" (Piore, 1979:39). E, nesse caso, o setor secundário do mercado de trabalho constitui o meio de evasão, pois é justamente o setor não sujeito às restrições de demissão e dispensa, e para o qual a posição instável da demanda de trabalho pode ser transferida. É precisamente aí que se situam as migrações internacionais.

Imigrantes estrangeiros na sociedade americana atual

Em um dos mais recentes trabalhos publicados sobre a migração estrangeira contemporânea para os Estados Unidos, Portes e Rumbaut (1990) traçam um quadro exaustivo sobre o imigrante na América. Enfatizando a origem desses imigrantes e seus modelos de adaptação à sociedade americana, os autores classificam os novos imigrantes americanos em quatro grupos: o principal grupo é constituído pelo imigrante trabalhador, tanto o legal como o clandestino; o segundo refere-se ao imigrante profissional, que é aquele com melhores qualificações profissionais (aos quais a literatura tem se referido, quando trata dos países de origem, como "fuga de cérebros"); o terceiro diz respeito ao imigrante empresarial, que é também um trabalhador qualificado, com experiência nos negócios e grande potencial de mobilidade; e, finalmente, o quarto engloba os refugiados, cuja principal ca-

racterística é que estão fugindo de perseguição em seus próprios países.

Uma das conclusões dessa extensa pesquisa é que 93% do total desses imigrantes provêm de áreas urbanas e que, em 1980, 2,1 milhões eram imigrantes clandestinos, sendo que, desses, 55% eram originários do México e o resto, de 93 diferentes países.

O caráter ilegal e clandestino dos atuais fluxos migratórios para os Estados Unidos (como de resto também para os demais países receptores desses atuais fluxos de migrações internacionais) tem sido um dos principais motivos de preocupação que tem norteado as pesquisas e a legislação americana a respeito das migrações internacionais. Uma das conseqüências dessa preocupação quanto à legislação está expressa na *Simpson-Mazzoli Bill*, ou *The Immigration Reform and Control Act*, aprovada em 1986 depois de passar por vários anos em discussão no parlamento.

Esta *Immigration Reform and Control Act* produziu a mais extensiva legislação na área das leis de emprego nos Estados Unidos em duas décadas, desde a adoção do *Occupational Health and Safety Act*, de 1970. Suas prescrições afetam cada empregador e cada pessoa que está procurando emprego, desde que a lei entrou em vigor em novembro de 1986, pois, entre suas múltiplas prescrições, está a que proíbe os empregadores de contratar imigrantes ilegais.

A sua aplicação tem sido motivo de algumas controvérsias, uma das quais é a de que essa lei poderá estar provocando uma espécie de discriminação por parte dos empregadores quanto ao emprego de imigrantes, por temor de serem atingidos pelas sanções previstas na lei (Briggs, 1990). Tanto que, no ano de 1990, o *U. S. General Accounting Office* (GAO) procedeu a uma acurada investigação sobre esse assunto, sendo que uma das conclusões é a de que "19% dos empregadores da amostra

tinham práticas discriminatórias na contratação de seus empregados por causa daquela lei" (Briggs, 1990:808). Esse tipo de discriminação era, por sua vez, mais freqüentemente encontrado em cidades com altas porcentagens de população asiática e hispânica, que constituem hoje as mais fortes correntes migratórias para os Estados Unidos.

Esse problema da discriminação contra o emprego de imigrantes parece ser, contudo, de menor peso do que o oposto, isto é, a preferência pelo trabalho imigrante. E isso precisamente pelo seu caráter de ilegalidade, que permite às empresas manter as regras do jogo que têm vigorado para o chamado setor secundário do mercado de trabalho (veja-se sobretudo os argumentos de Piore apresentados no capítulo anterior deste texto). O mesmo artigo citado acima (Briggs, 1990) aponta, ao final, para esta questão, quando afirma que tem havido uma sistemática discriminação dos empregadores em favor dos imigrantes legais ou ilegais em detrimento dos trabalhadores nativos (também aqui o argumento tem seu ponto de equívoco, pois são mais convincentes as explicações já apresentadas anteriormente, de que o imigrante ocupa no mercado de trabalho dual uma posição que é geralmente rejeitada pelos trabalhadores nativos).

A discussão específica da tramitação de uma lei dessa natureza esclarece, na verdade, o ponto crucial da questão das migrações internacionais na atualidade, que é a contradição entre as necessidades de trabalho já consolidadas naquilo que foi caracterizado anteriormente como o mercado de trabalho secundário e os conflitos sociais gerados na sociedade pela presença do imigrante clandestino.

Na sociedade americana, esta contradição foi acirrada a partir, sobretudo, do afluxo em massa do imigrante mexicano. O *Bracero Program* teve início durante a Segunda Guerra Mundial e

continuou, em diferentes formas, até 1984, trazendo cerca de 400 mil trabalhadores por ano para os Estados Unidos. Quando este programa começou a ser institucionalizado nos anos 50, houve um enorme crescimento das imigrações ilegais. As apreensões na fronteira sudoeste cresceram de 69.164, em 1945, para 1.089.583, em 1954 (Simpson, 1984). Depois do programa terminado, em 1964, houve um outro significativo surto de migração clandestina do México para os Estados Unidos.

As contradições geradas pelo fator migratório na sociedade americana foram acirradas com as mais recentes correntes migratórias provenientes de países asiáticos, cujas características são menos ligadas à demanda por força de trabalho, tais como as migrações do México e de outros países da América Latina, e mais relacionadas às migrações de refugiados. Malgrado o otimismo de alguns entusiastas da visão dos Estados Unidos como o país aberto ao mundo, tão bem expressa nas palavras finais do trabalho de Portes e Rumbaut (1990) – “os diversos talentos e energias dos novos imigrantes reforçarão a vitalidade da sociedade americana e a riqueza de sua cultura” –, existe, entretanto, uma preocupação latente com a expansão desses novos fluxos, que na verdade se somam a problemas não resolvidos da integração do imigrante na sociedade.

Dados do U.S. Department of Health and Human Services, 1989, revelam que, entre 1975 e 1989, os Estados Unidos receberam cerca de 881.500 refugiados do Vietnã (62%), do Laos (22%) e do Camboja (16%). Antes de 1975 havia apenas 18.558 imigrantes desses três países vivendo nos Estados Unidos, porém, desde então, este número vem crescendo rapidamente, tendendo a se tornar o maior grupo entre os *Asian Americans* da atualidade (Tran, 1991:536).

Fazendo uma comparação com a situação dos programas especialmente criados para atrair trabalhadores temporários, e que terminaram por se reverter em correntes migratórias indesejadas para os países desenvolvidos da Europa Ocidental e para os Estados Unidos, estes fluxos de migrações de refugiados também representam um certo ônus, que os países desenvolvidos estão pagando pelo que têm tirado de proveito das tradicionais relações países ricos versus países pobres. A guerra do Vietnã, depois de terminada, penetrou na sociedade americana, através da população refugiada. Isso tem colocado questões adicionais àquelas já existentes no contexto da integração do imigrante no mercado de trabalho. Uma dessas questões diz respeito àquilo que inclusive nomeia o citado artigo de Tran (1991), o *sponsorship and resettlement* para a população refugiada, do que depende em larga escala o seu suporte econômico e social.

Uma das mais novas correntes migratórias em direção aos Estados Unidos é aquela constituída de imigrantes brasileiros, uma migração típica de trabalhadores. Nesse sentido, incorpora-se às tradicionais migrações de trabalhadores temporários provenientes de outros países da América Latina, sobretudo no que diz respeito às características de sua inserção no mercado de trabalho secundário em serviços de baixa qualificação. No meu artigo anteriormente publicado nesta mesma Revista (Sales, 1991), faço várias referências ao processo de integração do imigrante brasileiro à sociedade e ao mercado de trabalho americanos. O texto de Franklin Goza, publicado nesta Revista, qualifica com mais detalhes e precisão, bem como quantifica esse migrante brasileiro em cidades americanas, e em outra, canadense. Algumas das inferências de sua pesquisa reforçam as minhas primeiras impressões sobre características dos

imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, entre as quais se destaca a sua clandestinidade no mercado de trabalho.

Brasileiros imigrantes da "década perdida"

A recente entrada do Brasil no cenário internacional enquanto país exportador de imigrantes estrangeiros traz especificidades aos seus fluxos migratórios em direção aos Estados Unidos, Canadá, Europa ou Japão, que se manifestam em dois níveis. O primeiro é a desestruturação dos poderes públicos para lidar com essa questão. A migração de brasileiros para fora do país, constituindo várias correntes migratórias que se avolumam a cada ano desde o início dos anos 80, teve início junto com essa nossa década perdida. Este é um de seus frutos mais amargos que, acrescido ao fato de sermos ainda um país com uma grande maioria de população pobre, constitui uma realidade que tem sido constantemente jogada para baixo do tapete. Apenas recentemente, com os conflitos diplomáticos envolvendo os governos do Brasil e Portugal, tivemos oportunidade de ver as primeiras medidas concretas do governo brasileiro voltadas para essa questão. Bemvindas medidas!

Enquanto os demais imigrantes latinos, que consolidaram um fluxo migratório para os Estados Unidos desde os anos dourados do capitalismo do pós-Segunda Guerra Mundial, já têm, naquele país, representações diplomáticas e associações atentas aos problemas decorrentes da integração desses imigrantes no mercado de trabalho e na sociedade americana, nós, brasileiros, que somos ainda uma gota d'água naquele país de imigrantes, estamos quase inteiramente desprotegidos no que se refere a uma efetiva assistência ao imigrante brasileiro. Em

Boston, por exemplo, temos apenas um Consulado Honorário, que ocupa uma sala emprestada por empresa do marido da Consulesa; os brasileiros, enquanto isso, na sua maioria trabalhadores clandestinos, se viram como podem para se integrar a uma sociedade que eles próprios acreditam ser de passagem em suas vidas, para juntar dinheiro e voltar ao Brasil.

Os estudos sobre migração e a própria experiência histórica têm mostrado como é ilusória essa perspectiva da temporalidade. Nesse sentido, o instigante trabalho de Piore (1979) já apontava que até mesmo as primeiras grandes migrações internacionais do final do século passado e início do atual, que consolidaram levas de europeus nos Estados Unidos (possivelmente, um fato válido também para o Brasil), também não estavam imunes a essa perspectiva ilusória por parte do imigrante. Por outro lado, há indícios de que o contingente de brasileiros imigrantes no exterior tem aumentado constantemente. A mais recente estatística feita pela Arquidiocese de Boston aponta o contingente de cerca de 150 mil brasileiros vivendo na Grande Boston, seis vezes mais do que se estimava um ano antes da divulgação desse resultado (Franklin, 1992). Já esse simples dado numérico seria motivo suficiente para justificar a existência de um corpo diplomático que olhe com realismo para a situação dos brasileiros que vivem e trabalham naquela cidade americana, como em tantas outras.

O segundo nível de especificidade de nossos fluxos migratórios para fora do país relacionado à sua recenticidade, diz respeito à perspectiva ilusória do imigrante quanto à temporalidade de sua permanência no país de destino. Isso o leva não apenas a submeter-se às piores condições de trabalho com a única preocupação de auferir renda, característica própria desse tipo de

imigrante, como também a não se organizar e, menos ainda, a se juntar aos irmãos latinos que o precederam em décadas no fluxo migratório para os Estados Unidos. Na sua pesquisa com imigrantes brasileiros em Nova York, Margolis (1989) constata o fato desse isolamento explícito do brasileiro em relação aos demais imigrantes latinos (quando necessariamente estão juntos no mercado de trabalho), o que ela atribui à origem de classe dos imigrantes brasileiros (classe média-média e média-alta), bem como à sua composição étnica, predominantemente branca. Contrapondo uma outra explicação para o mesmo fenômeno, Castro (1992) levanta a hipótese de que tal orientação também se relaciona a um processo de segregação político-ideológica, que tem caracterizado a formação da identidade brasileira, separada da história da América Latina.

O interesse pelo estudo desses recentes fluxos migratórios de brasileiros para outros países estrangeiros, que até muito recentemente motivou apenas a imprensa brasileira, está cada vez mais chegando à academia, do que é testemunho os artigos publicados no presente número desta Revista, que, por sua vez, apontam para a necessidade de continuidade desses e de outros estudos e pesquisas, todos ainda em fase inicial. As pesquisas aqui apresentadas já indicam o quanto os fluxos migratórios para fora do país têm especificidades que poderão apontar para diferentes políticas, em função de uma preocupação de melhor estruturar os poderes públicos no sentido da assistência a esses brasileiros que passam a trabalhar e a viver fora do país.

A concentração de brasileiros imigrantes em outros países permite ainda a exploração de um tipo de enfoque nesse estudo, que tem, para mim, um interesse muito especial e que foi, na verdade, a minha motivação inicial para estudar o assunto. Chamou-me a aten-

ção, no comportamento do brasileiro imigrante em Boston — seja por minhas próprias observações e entrevistas, seja por depoimentos de pessoas que lidam com o imigrante brasileiro (como por exemplo, a Aliança Brasileira, fundada em meados dos anos 80 em Somerville, uma das áreas de concentração de brasileiros na Grande Boston) —, a maneira como o brasileiro se relaciona com outros grupos de imigrantes que o precederam no mesmo mercado de trabalho e, sobretudo, a maneira como encara o próprio trabalho. O trabalho do imigrante brasileiro se encaixa perfeitamente naquelas características que alguns autores citados anteriormente denominam como mercado de trabalho secundário. Contudo, o imigrante brasileiro tem uma grande resistência em se considerar nessa posição. Sua referência social remete-o, antes, ao contexto do lugar de origem, onde tinham uma posição social mais elevada. Conforme assinalado no meu primeiro artigo sobre esse assunto (Sales, 1991), o próprio fato de se referirem ao seu trabalho atual sempre com o termo inglês (ao afirmarem que trabalham na "dish", que é a abreviatura que usam para denominar o trabalho como *dishwasher*) e nunca em português é simbólico dessa situação. "Fazemos um trabalho que nem o negro americano faz mais" foi a afirmação mais amarga de quantas ouvi de imigrantes brasileiros em Boston, sendo, esse observador, o único que conseguiu, depois de muita conversa, tirar todas as máscaras que o protegiam da vergonha de seu rebaixamento no trabalho.

Trabalhar com as mãos, trabalho de negro. O brasileiro de classe média, com nível médio de escolaridade e de cor branca, que passa a fazer um tipo de trabalho braçal, que em nosso país hoje um batalhão de empregadas domésticas se prontificam a fazê-lo, sofre um impacto no contato com esse trabalho, que não pode ser explicado apenas pela recenticidade do seu fluxo migrató-

rio. Mesmo se vendo na mais baixa escala de qualificação do mercado de trabalho, o brasileiro imigrante "olha de cima" para os outros imigrantes latinos, com os quais não sente nenhuma identidade a não ser naqueles momentos em que com eles compartilha uma mesma posição no mercado de trabalho. Vê-se branco, podendo ser passado por americano, enquanto os traços índios do mexicano, do porto-riquenho etc. tornam-os inconfundivelmente distintos.

As relações dos imigrantes brasileiros entre si, com os demais grupos imigrantes de outros países e com os nativos configuram uma situação que permite reconstituir, no âmbito da população imigrante, traços de nossa nacionalidade. No caso dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, a questão racial se coloca de imediato como uma das questões muito importantes para pesquisa, até pelo contraste e diferenças existentes em ambos os países. Por outro lado, o conceito de "Homem Cordial" de Sérgio Buarque de Holanda

(Holanda, 1984), com a sua informalidade no convívio mascarando as enormes desigualdades sociais, é um outro referencial para observar traços de nossa nacionalidade pela ótica da sociabilidade do imigrante brasileiro, frente a uma sociedade caracterizada pela contrastante impessoalidade no convívio entre as pessoas.

Guardadas as enormes proporções dos respectivos casos empíricos (Portugal, um país de emigrantes e cuja definição da nacionalidade se dá em um espaço transnacional, o Brasil, cabendo em suas fronteiras até tão recentemente, no início da década passada, e descobrindo o restante da América do Sul apenas quando chega à América do Norte), o enfoque teórico utilizado no artigo de Bela Feldman-Bianco, também publicado neste número, é uma referência necessária, nessa minha linha de preocupações teóricas anteriormente esboçada, para continuar este estudo, além de ser também o início de um diálogo intelectual com aquela autora.

Referências bibliográficas

- BEIJER, G. - 1969. Modern patterns of international migratory movements. In: JACKSON, J. A. (ed.). *Migration*. Cambridge at the University Press.
- BERGER, S. & PIORE, M. J. - 1980. *Dualism and discontinuity in industrial societies*. Cambridge University Press.
- BOGUE, D. J. - 1985. *The population of the United States: historical trends and future projections*. New York, The Free Press.
- BOHNING, W. R. - 1975. Mediterranean workers in Western Europe: effects on home countries and countries of employment. *World Employment Project*. Geneva, ILO, July.
- BRIGGS JR., V. M. - 1990. Employer sanctions and the question of discrimination: the GAO study in perspective. *International Migration Review*. Vol. 24, Winter.
- CASTLES, S. & KOSACK, G. - 1973. *Immigration workers and class structure in Western Europe*. Oxford University Press, London.
- CASTRO, M. G. - 1992. *Latínos nos Estados Unidos: unindo Américas, fazendo a América de lá ou perdendo a nossa América?* Nov. (Apresentado no Seminário do IPPUR, "Integração, Região e Regionalismos") (Mimeo).
- FRANKLIN, J. L. - 1992. Homeland troubles bring Brazilian influx to region. *Boston Globe*, Boston, 4 de fevereiro.
- FREEMAN, G. - 1979. *Immigrant labor and racial conflict in industrial societies: the French and British experience, 1945-1975*. Princeton University Press.

- HASENAU, M. - 1991. ILO standards on migrant workers: the fundamental of the UN convention and their genesis. *International Migration Review*. 25(4), Winter.
- HOLANDA, S. B. de. - 1984 - *Raízes do Brasil*. 18ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio.
- KEELY, C. B. & ELWEEL, P. J. - 1981. "International migration: Canada and The United States". In: KRITZ, KEELY, TOMASI. *Global trends in migration: theory and research on international population movements*. Center for Migration Studies.
- MAILLAT, D. - 1987. "Long-term aspects of international migration flows: the experience of european receiving countries". In: OECD. *The Future of Migration*.
- MARGOLIS, M. - s.d. A new ingredient in the melting pot: Brazilian in New York City. *City and Society*, 3(2): 179-87.
- MAYER, K. - 1975. Intra-european migration during the past twenty years. *International Migration Review*, 9(4), Winter.
- NORTH, D. S. & HOUSTOUN, M. F. - 1976. *The characteristics and role of illegal alien in the U. S. labor market: an exploratory study*. Washington D. C., Linton, 1976.
- OECD, Organization for Economic Co-Operation and Development - 1987. *The Future of Migration*.
- PORTES, A. - 1987. "Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration". In: KRITZ, KEELY, TOMASI. *Global trends in migration: theory and research on international population movements*. Center for Migration Studies.
- PORTES, A. & RUMBAUT, G. - 1990. *Immigrant America: a portrait*. Berkeley, University of California Press.
- PORTES, A. & BACH, R. L. - 1978. Dual labor markets and immigration: a test of competing theories of income inequality. *Ocasional Papers Series*. Durham, Duke University.
- PIORE, M. - 1979. *Birds of passage: migrant labor and industrial societies*. Cambridge, University Press.
- SALES, T. - 1991. Novos fluxos migratórios da população brasileira. *Revista Brasileira de Estudos de População*. 8(1/2), jan./dez.
- SIMPSON, A. K. - 1984. The politics of immigration reform. *International Migration Review*. New York, Center for Migration Studies, 18(67), fall.
- TOMASI, S. M. et al - 1991. Special Issue: UN International Convention on the Protection of the Rights of All Migrant Workers and Members of Their Families. *International Migration Review*. 25(4), Winter.
- TOMASI, S. M. - 1981. Sociopolitical participation of migrants in the receiving countries. In: KRITZ, KEELY, TOMASI. *op. cit.*
- TRAN, T. V. - 1991. Sponsorship and employment status among Indochinese refugees in the United States. *International Migration Review*. 25(3), Fall.
- WEINER, M. - 1985. International migration and international relations. *Population and Development Review*. 11, Sept.

RESUMO – Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa. Nesse artigo, o novo caráter das migrações internacionais é analisado como decorrência da demanda por trabalhadores temporários, por parte dos Estados Unidos e de países da Europa Ocidental, tendo resultado em migrações clandestinas e nos conflitos sociais delas decorrentes. Analisam-se ainda a inserção do imigrante no mercado de trabalho bem como alguns aspectos da questão migratória hoje nos Estados Unidos. Ao final são feitas algumas considerações a respeito dos brasileiros na sua recente condição de imigrantes estrangeiros: enfoque de estudo a ser explorado em futura pesquisa.

ABSTRACT – Alien immigrants, Brazilian immigrants: a bibliography revision and some notes for a research. *This article focuses mainly on some related issues: the new kind of international migration caused by demand of labor in West Europe and the United States of America, that results on illegal migrations and social conflicts; the immigrant integration in the labor market; and some aspects of the recent migratory issue in the United States of America. At last, it points some aspects of Brazilian immigrants in the United States and purposes an approach to study this subject in a future research.*

Recebido para publicação em 01/09/92
Aprovado para publicação em 29/10/92